

Roteiro sentimental para o trabalho de campo¹

FLÁVIA FERREIRA PIRES

resumo Este pequeno texto foi concebido as voltas da primeira ida a campo de um grupo de jovens pesquisadores, quatro estudantes do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), colaboradores, através de bolsas PIBIC e PIVIC, de um projeto de pesquisa sobre os impactos de políticas públicas na vida familiar sertaneja. Ele foi pensado como um roteiro sentimental, no qual, a professora que os acompanharia, tecia alguns comentários ditos como pertinentes para o bom andamento do trabalho de campo, cuja duração seria de sete dias. O tom do texto é pessoal e dialógico. Dialoga, prioritariamente, com este grupo de neófitos, e curiosamente, reivindica *Marcel Mauss* – o antropólogo que praticamente nunca foi a campo –, como interlocutor privilegiado.

palavras-chave Pesquisa de campo. Marcel Mauss. Etnografia. Trabalho coletivo. Neófito

... observar o que é dado. Ora, o dado é Roma, é Atenas, é o francês de classe média, é o melânesio dessa ou daquela ilha, e não a prece ou o direito em si (Mauss, 2003 [1925], p. 311).

Minhas caras alunas, Meu caro aluno,

Foi pela apreensão nos olhos de alguns de vocês – e, acredito, na alma de todos nós –, ao lhes dizer que o trabalho de campo se aproximava, que decidi escrever este pequeno texto; notas para serem lidas antes de embarcarmos para o nosso curto período de campo em Catingueira, Paraíba.

Curiosamente, ninguém melhor que Marcel Mauss, um antropólogo que praticamente

never foi a campo, mas “recebera do céu a graça especial de ser um homem de campo sem sair da sua poltrona” (Dumont, 1985 [1972], p.83) para nos ensinar como ser homens e mulheres de campo. Seguindo a inspiração maussiana, podemos dizer que as habilidades antropológicas podem ser desenvolvidas e praticadas em todo ambiente que frequentamos. Um exemplo pode ser elucidativo: certamente, Lévi-Strauss (2003) não observou o “ritual” de oferecimento do vinho nos “restaurantes baratos do sul da França” como parte de um projeto de pesquisa convencional. Posso imaginar – e peço desculpas se peço contra a objetividade –, que ele mesmo tenha sido pego de surpresa ao ser-lhe oferecido um copo farto de vinho pelo comensal da mesa ao lado. Talvez viajasse de férias pela região... a observação é essencial: olhar o geral e também atentar para os detalhes. O antropólogo é, pois, esta pessoa que ao olhar enxerga coisas que nem todos veem e ao olhar, ele também classifica. *Árvore : casa :: pássaros : homens e assim por diante. Lembra-se do texto de Bourdieu sobre a casa kabyle? (Bourdieu, 1999 [1970])* E mais, ao ver objetos, ônibus, avenidas não vemos apenas sua materialidade. Em função da casa, vemos quem ali habita; em função dos objetos, seus diversos usos segundo diferentes atores; em função do ônibus, vemos o motorista, o trocador, as empresas de ônibus, os passageiros em toda a sua imensa variedade, etc. Aliás, como diria Lévi-Strauss qualquer classificação é melhor que classificação nenhuma, qualquer ordem preferível à desordem, e parece ser assim que o antropólogo constrói conhecimento.

Tradicionalmente pensa-se a antropologia como um empreendimento que requer o deslocamento geográfico, tudo se passa como se quanto mais difícil e demorada for a viagem melhor. Não há como negar que a ideia contenha sua verdade, já que a busca pela alteridade sempre pautou nossa disciplina; além de ser extremamente sedutora, como demonstra habilmente o mestre polonês-britânico:

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa aldeia tropical [...] vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista... (Malinowski, 1922, p.19).

No entanto, não é preciso tomar um barco, aportar em um longínqua ilha de um arquipélago perdido para se realizar um bom trabalho de campo. Gilberto Velho, ao contribuir para a inauguração de uma vertente hoje extremamente influente (Velho, 2006, p.10) da antropologia brasileira, a antropologia urbana, o fez ao pesquisar um prédio do bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, onde o pesquisador morara (Velho, 1973). Mauss (2003), por sua vez, teve um dos seus *insights* geniais quando estava hospitalizado. No hospital de Nova York detectou, nas enfermeiras norte-americanas, um jeito de andar que não lhe era de todo estranho. Depois de observá-las, chegou à conclusão que era o mesmo caminhar das atrizes nas produções cinematográficas daquele país (Mauss, [1935] 2003, p. 403-4). É nesta situação, tão pouco usual, que o pai da antropologia francesa lança os pilares de um ramo fundamental de pesquisas dentro da disciplina, o estudo das técnicas corporais². O que quero sugerir é o que nos aconselhava minha orientadora da graduação em ciências sociais na Universidade Federal de Minas Gerais, Léa Freitas Perez: é preciso fazer da antropologia vida e ser antropólogo no dia-a-dia, até no ônibus que nos leva e traz para a faculdade...

Pode parecer contraditório falar da antropologia como um empreendimento do dia-a-dia justamente quando nos preparamos para ir a Catingueira. É que, de um lado, parece-me que um deslocamento efetivo, uma experiência de alteridade distante, pode ser fundamental para a formação do profissional, quiçá como exercício, treinamento. De outro lado, vejo a profissão do antropólogo como indissociável do cotidiano. O antropólogo o é a toda hora, a cada momento. Mas, vocês podem treinar o olhar através da observação dos que os cercam, exercitar a relativização a cada momento, colocando em suspenso os julgamentos de valor que sempre nos invadem antes dos julgamentos racionais, independentemente de estarmos “fazendo trabalho de campo”. Mas, com o tempo vocês verão que o antropólogo é, na verdade, um sujeito que vive a sua profissão, - ele deixa de ir a campo, ele vive em campo.

Embora seja muito válido como exercício, como treinamento para a profissão, “exotizar o familiar” e “familiarizar o exótico” (Da Matta 1978, Velho 1978) não parecem corresponder exatamente ao que ele faz. O que parece acontecer é que esta atitude relativizadora tornar-se natural ao sujeito: ele não está mais fazendo um exercício de exotização ou de familiarização, ele está apenas vivendo a partir de princípios antropológicos. Já que, por assim dizer, nada mais lhe é familiar, nada mais lhe é exótico. Embora, acredite que, no limite, cansamos, pois é como se trabalhássemos sem cessar, e somos tomados por um desejo de tomar partido: fundar uma ONG, candidatar a algum cargo político, criticar decisões de autoridades religiosas, por exemplo. Mas, no cotidiano, o antropólogo, geralmente, adquire uma postura alheia às mazelas humanas. Não porque seja insensível, mas porque os seres humanos e as relações sociais são muito mais complexos do que a primeira vista pensamos, e o antropólogo o sabe bem. É sensato não tomar partido intempestivamente.

O que gostaria é de dizer algumas palavras, breves conselhos baseados nas minhas experiências de campo durante os anos de 2000 a 2009, todas realizadas na cidade que vocês em breve vão conhecer.

Então, vamos lá, escutem...

Estejam abertos ao imprevisto, o que Malinowski (1997) chama de o imponderável da vida social, aquilo que escapa ao nosso planejamento, nos faz mudar de rota e acaba sendo revelador. Como na vida, não tentem direcionar demais o curso das águas, deixem a vida nos levar e tentem aproveitar os momentos de incerteza para perguntar aos nativos o que está acontecendo! Dificilmente o antropólogo escapa da pecha de chato, inconveniente ou louco. Chato porque pergunta sobre tudo, como a criança nas idades dos por quês. Inconveniente porque força as pessoas a se questionarem sobre o que é tido como naturalizado. E, louco, justamente, porque parece desconhecer as verdades inquestionáveis.

Não tenham medo do ridículo, espelhem-se no ofício dos palhaços que riem da sua própria miséria e, ao saberem-se ridículos, enfrentando sua vergonha, cumprem seu papel (Tsallis, 2005). Perguntem sem medo, confiem na intuição. Olhem, vejam, toquem se for possível, escutem, perscrutem, esperem e observem. Observem sempre e a qualquer hora. Não esperem que venham lhe convidar, saía para a rua. Sejam éticos, nem tudo que lhe dizem deve ser divulgado ou publicado. Às vezes, se diz ao antropólogo o que se diz ao confessor. Que antropólogo não tem no baú da memória histórias guardadas a sete chaves? Nos foi dito para ser publicizado ou foi nos dito como desabafo? Cada caso é um caso. Ouvir é importante, perguntar também. Falar de si no campo para os nativos, eu diria, nem tanto. A não ser quando somos interpelados. E aí cabe ao antropólogo decidir o que dizer, tendo sempre em vista que o que for dito terá sempre consequências.

Quando eu fazia pesquisa de campo em Catingueira em 2004, às vezes íamos nos banhar nos fins de semana no açude dos Cegos, um grande reservatório de água que abastece toda a região de Patos. Esses, eu considerava, os momentos de lazer do campo. Ia com aqueles colaboradores que acabam se tornando amigos, aqueles catingueirenses com os quais eu podia “baixar a guarda” e tentar deixar de lado o trabalho. O fato é que fui criada em Minas Gerais e vocês podem imaginar que nadar no açude não faz parte do estoque de imagens e sensações que me trazem conforto. Enfiar o pé na lama, a cor turva da água, tudo isso contrasta em muito com a água límpida tocando os ladrilhos azuis das piscinas dos clubes mineiros. Daí que mesmo nos momentos de lazer, nos momentos em que se precisa de um descanso do campo, eu não estava completamente à vontade. Eu nadava no açude deles, mas gostaria de poder levar meus amigos para nadar no meu açude, na verdade, uma piscina. Falando nisso, lembrei-me da estranheza com que foi ouvido um CD de músicas que me acompanhava por longos anos pelos meus queridos amigos catingueirenses e a sensação frustrante de não poder trazê-los para o “meu açude”. O que quero dizer é que é importante nadar no açude alheio, o açude, claro, como metáfora. Vocês estão lá para compreender o modo de vida do outro e não para serem compreendidos. Atenção às carências de todo tipo. Malinowski (1997) caiu em desgraça justamente quando divulgaram sua necessidade de ouvir música clássica, ficar a sós com seu romance europeu, enfim, de compartilhar seus hábitos com seus iguais – ele se sentia extremamente só, - quero dizer, queria que nadassem no seu açude... A solidão faz parte de todo processo de pesquisa de campo prolongado, mas não vou me deter neste assunto porque, no caso de vocês, a aventura deve durar pouco³. Embora, isto não implique, necessariamente, na ausência deste sentimento.

Se acontecer, lembrem-se da metáfora do açúcar e não se esqueçam que participam de um experimento artificial, como todo empreendimento acadêmico que tem data para terminar (Latour, 2005, p. 136-7).

O importante é estar disposto para a conversa, o bate-papo informal. Tentar driblar a timidez e, quando não for possível, compensá-la com o aguçamento da observação – todos os sentidos em alerta para o que se passa ao nosso redor. Pierre Métais, aluno de Mauss, lembrava os ensinamentos do mestre: era um homem de sensações: tinha que tocar e ver (Fournier, 2003) O choro de uma criança, um cochicho de comadres, um cheiro desagradável da rua de trás, o olhar atravessado de uma senhora, as piscadelas geertzianas... minúcias da vida social tão cheias de significado.

O diário de campo é um instrumento poderoso na pesquisa antropológica. Estejam sempre com ele a postos (não necessariamente em mãos, para evitar a natural curiosidade daqueles que se sabem observados) e reservem um momento ao longo do dia para relatar os acontecimentos passados. Os diários podem ser exclusivamente descritivos, mas devem ser exaustivamente minuciosos. Mesmo que a princípio não consigamos enxergar a necessidade de mencionar detalhes, eles podem, no mínimo, fazer a diferença no futuro num processo de rememoração do trabalho de campo através da leitura do diário. A sugestão é que tudo seja anotado. Além disso, as sutilezas são essenciais para a construção de um retrato fiel da vida social, como mostra com maestria Max Gluckman no texto “Análise de uma situação social na Zululândia moderna” (1976), incluindo na análise até as suas idas ao banheiro!

E, para terminar, vamos novamente evocar o grande mestre Marcel Mauss – que fez da sua própria vida uma dádiva, a “dádiva de si” de que fala Fournier (1993), no momento mesmo em que ultrapassou os limites da individualidade

ao valorizar sobremaneira o trabalho coletivo; levando até às interpretações que afirmam que “em grande medida, Mauss não é Mauss” (Brumana, 1983, p. 10) ou que teria negligenciado o seu trabalho⁴ em função do dos colegas e alunos (Lévy-Bruhl, 2003 [1950], p. 528; Fournier, 2003; Perez, 2004). Suas parcerias com o tio Durkheim, com Henri Hubert e outros colegas edificaram o trabalho da Escola Sociológica Francesa – na qual, se a relação indivíduo *vs.* sociedade era vivamente debatida no nível intelectual, era de outro lado, equacionada no nível pessoal – através das parcerias entre os pesquisadores. Com isso, quero lembrar a vocês que o nosso trabalho tem esta inspiração: vamos juntos, como os pioneiros antropólogos brasileiros que adentravam o campo coletivamente – imaginemos a título de inspiração (não de comparação, é óbvio): Otavio Velho seguindo para o Tocantins paraense com Roque Laraia, que estudava os índios Suruí⁵ – e vamos construir juntos o desenvolvimento e os resultados da pesquisa. Embora não seja possível eliminar a competição acadêmica, cooperação e espírito de equipe devem nortear o nosso empreendimento, uma vez que o trabalho de um, contribui para todos⁶.

E lembrem-se de levar boné ou chapéu, protetor solar, roupas leves, mas neutras. Os dias são quentes e as noites, às vezes, frescas. Uma boa dica é levar guarda-chuva ou sombrinhas para a proteção contra o sol, já que chuva, nessa época, não haverá. Se for possível, levem máquinas fotográficas, que pode funcionar, no mínimo, com um segundo diário de campo. Roupas de banho e cama é bom levar. Algum medicamento de emergência e gêneros pessoais de primeira necessidade devem ser levados (já que nem tudo se encontra disponível ou à venda no município). Mas é importante lembrar que a ideia do trabalho de campo envolve desprendimento – por isso, pouca tralha pessoal deve ser levada. O desprendimento material é apenas outra metáfora ou um exercício para o outro desprendimento,

o de si mesmo – este sim, que os farão antropólogos e antropólogas. Mas continuar a falar deste desprendimento de si, a famosa relativização da própria cultura ou exotização de si mesmo e a naturalização ou familiarização do que nos é estranho é assunto para um texto de maior fôlego, o que no momento me falta.

Enfim, preparem-se. Depois do campo verão os congressos, os artigos a serem escritos, os debates entre os pares⁷, as defesas, as seleções, os concursos, os editais de pesquisa e, finalmente, os alunos... e a vida seguirá assim: como uma gangorra antropológica, pontilhada ora de espanto, ora do aconchego bom de se saber parte de uma comunidade, uma aldeia, a dos antropólogos...

Sentimental script for fieldwork

abstract This short text was designed when a group of four young researchers were facing their first fieldwork trip. Students of the Social Sciences undergraduation program at the Federal University of Paraíba (UFPB), who collaborated thanks to the PIBIC and PIVIC scholarships on a research project on the impact of public policies upon the backwoods family life. The article was thought as a sentimental script, in which the professor who accompanies them, draws comments said to be relevant for the good course of the seven days of fieldwork. The tone of the text is personal and dialogic. It dialogues primarily with this group of neophytes, and interestingly, vindicates *Marcel Mauss* – the anthropologist who scarcely went to the field – as a privileged interlocutor

keywords Travel research . Marcel Mauss. Ethnography. Collective work. Neophyte

Notas

1. O texto foi escrito especialmente para (e é dedicado) a George Ardilles, Jéssica Karoline da Silva, Patrícia dos Santos, Tatiana Benjamin, colaboradores do projeto de pesquisa que coordeno *A Casa Sertaneja e o Programa Bolsa-Família. Analisando Impactos de Políticas Públicas no Semi-árido Nordeste Brasileiro*. Agradeço aos que generosamente leram e contribuíram para este artigo: Otavio Velho, Mônica Franch, Patricia Reinheimer, Léa Perez, Maria Ana Dias, João Ricardo Ferreira Pires, mas as opiniões aqui emitidas são de minha inteira responsabilidade.
2. Ele dizia ser capaz de reconhecer uma jovem educada no convento pelo gestual das mãos ([1935] 2003, 404), a nacionalidade de uma criança pequena a partir da sua maneira de se portar à mesa, ou de um adulto pelo seu modo de caminhar ([1935] 2003, 403-4).
3. Mas é preciso que saibam que uma semana de trabalho de campo não é suficiente; já que não permite muitos erros ou cansaços e nem grandes descobertas. O que vamos fazer é apenas uma rápida e incompleta introdução a cidade de Catingueira, tendo em vista um projeto de pesquisa bem delimitado (e portanto, limitado).
4. Mauss nunca terminou sua tese de doutorado e, em vida, nunca publicou um livro.
5. O professor Otavio Velho discute o trabalho de campo e as mudanças ocorridas no seio da disciplina antropológica, sobretudo, no Brasil, desde a década de 1960, na Aula inaugural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro proferida a 15 de março de 2006. O texto foi publicado pela Revista *Interseções* (UERJ) em 2006. O autor advoga que o trabalho de campo deve implicar em aprender a aprender ou de deuteroprendizado, conceito cunhado do Gregory Bateson. Para construir este argumento, Otavio Velho também lança mão de autores como Tim Ingold e Paul Stoller. Diz ele: “No que diz respeito ao trabalho de campo, pode-se dizer que o aprendizado até a década de 60 era de natureza extremamente artesanal e prática, quase como numa corporação de ofícios. Pessoalmente, mal chegara ao Museu e já era incorporado como aprendiz ao trabalho de campo de Roque Laraia junto aos índios Suruí do Tocantins paraense numa viagem que se iniciou juntamente com a família DaMatta, que se dirigia aos índios Apinajé. Não podia desejar melhor introdutor de campo e essa experiência, fora dos bancos escolares, me marcou profundamente”. (Velho, 2006, p.11).
6. Em visita a nossa universidade em junho de 2010, o professor José Guilherme Magnani nos brindou com uma palestra emocionante, na qual a partir da sua inserção na antropologia, afirmou dentre outras coisas importantes, que dar, receber, retribuir, os três movi-

mentos da dádiva maussiana, eram o lema do seu grupo de pesquisa. Gostaria também que fosse o nosso.

7. Mónica Franch (2010) em artigo inspirador afirma o caráter coletivo do trabalho acadêmico, enfatizando o papel essencial de eventos como grupos de trabalho em congressos e bancas para a sua formação enquanto antropóloga.

Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. A casa kabyle ou o mundo às avessas. *Cadernos de Campo* (USP) n.8, ano 9, 1999 [1970], p. 147-159.
- BRUMANA, Fernando. *Antropologia dos sentidos. Introdução às idéias de Marcel Mauss*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CORSARO, William. *Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas*. Campinas: Educ. Soc., (UNICAMP) Ago 2005, vol.26. n. 91, p.443-464.
- DA MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter o Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1978.
- DUMONT, Louis. “Marcel Mauss: uma ciência em devenir”. In: *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985 [1972].
- FRANCH, Mónica. “Imagine yourself not alone: Reflexões sobre a produção coletiva de conhecimento em antropologia”. In: BURITY, Joanildo A.; RODRIGUES, Cibele Maria L.; SECUNDINO, Marcondes de A.. *Desigualdades e justiça social*, vol. II: Diferenças culturais & políticas de identidade. Belo Horizonte, Argvmentvm, 2010, p. 245-258.
- FOURNIER, Marcel. Marcel Mauss ou a dádiva de si. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 21, 1993, p. 104-112.
- _____. Para reescrever a biografia de Marcel Mauss... *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 18, n. 53, 2003, p. 5-13.
- GLUCKMAN, Max. “Análise de uma situação social na Zululândia moderna”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos*, 1976, pp. 227-305, São Paulo: Cia Editora Nacional.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social. An introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- LÉVY-BRUHL, Lucien. “In memoriam”. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1950].
- LÉVI-STRAUSS. “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, [1935] 2003.
- MALINOWSKI, B. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Recor 1997.
- MAUSS, Marcel. “As Técnicas do Corpo”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, [1935] 2003.
- _____. “Ensaio sobre a Dádiva. Forma e Razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, [1925] 2003.
- PEREZ, Léa F. Notas e observações sobre a vida e a obra de Mauss, ou da “dádiva de si”. Seminário “Leituras de Marcel Mauss”. São Paulo/SP (comunicação pessoal), 2004.
- TSALLIS, Alexandra. *Entre terapeutas e palhaços: a recalcitrância em ação*. Tese de Doutorado em Psicologia, UERJ, 2005.
- VELHO, Gilberto. *A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social*. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1973.
- _____. “Observando o Familiar”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1978.
- VELHO, Otávio. Trabalhos de campo, antinomias e estradas de ferro. *Interseções*, vol. 8, n. 1, julho, 2006, p. 09-26.

autora

Flávia Ferreira Pires

Pós-doutora em Antropologia Social / MN – UFRJ

Professora adjunta de Ciências Sociais da UFPB

Recebido em 01/02/2011

Aceito para publicação em 26/09/2011